

Sobrecarga materna

A consequência de o adulto não se vacinar é responsabilidade dele — é importante levar em consideração a logística e a acessibilidade, mas, de modo geral, é algo que ele pode resolver sozinho. Agora, quando falamos da vacinação infantil, precisa-se de um responsável comprometido para que a criança seja imunizada.

Na maioria dos casos, no Brasil, essa responsabilidade recai sobre as mães, figuras pré-determinadas pela sociedade a realizarem atos de cuidados básicos. Um estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Locomotiva e pela Pfizer Brasil mostra que seis em cada 10 mães brasileiras já atrasaram a vacinação dos filhos.

Os motivos são variados. Entre eles, estão falta de informação e de conhecimento sobre o calendário vacinal, horários incompatíveis com o posto de saúde e falta de tempo devido a uma rotina de trabalho menos flexível. E, com menos de 20% das causas, aparecem a baixa percepção dos riscos da doença, a falta de profissionais da saúde e de documentação e a desconfiança na vacina.

Os números aumentam quando falamos das camadas mais vulneráveis, mulheres negras, de baixa renda, com filhos que estudam em escolas públicas. Em coletiva de imprensa, Renato Meirelles, presidente do Instituto Locomotiva, explica que a pesquisa foi feita com duas mil mulheres de diversas regiões. As entrevistadas com melhor estrutura social alegam ter mais informação sobre o calendário de vacinas, enquanto, do outro lado, a falta de informação é mais abrupta.

Percebe-se, com esses dados, que a carência de suporte e de rede de apoio às mães influencia na queda vacinal. Ao contrário do que muitos pensam, a falta de confiança na vacina é um problema, mas não o principal. Também não se pode culpar as figuras maternas por essa queda, afinal, a presença do pai é imprescindível para que esse cenário mude.

Para a estudante Simone Xavier Santana, 29 anos, é difícil acompanhar todas as

vacinas do filho, pois mora longe do posto de vacinação e nem sempre tem horários compatíveis com a rotina de trabalho. Ela conta que, quando trabalhava como diarista, não tinha como sair mais cedo. Conseguiria levar o filho apenas se faltasse ao trabalho, correndo, assim, o risco de não receber o salário.

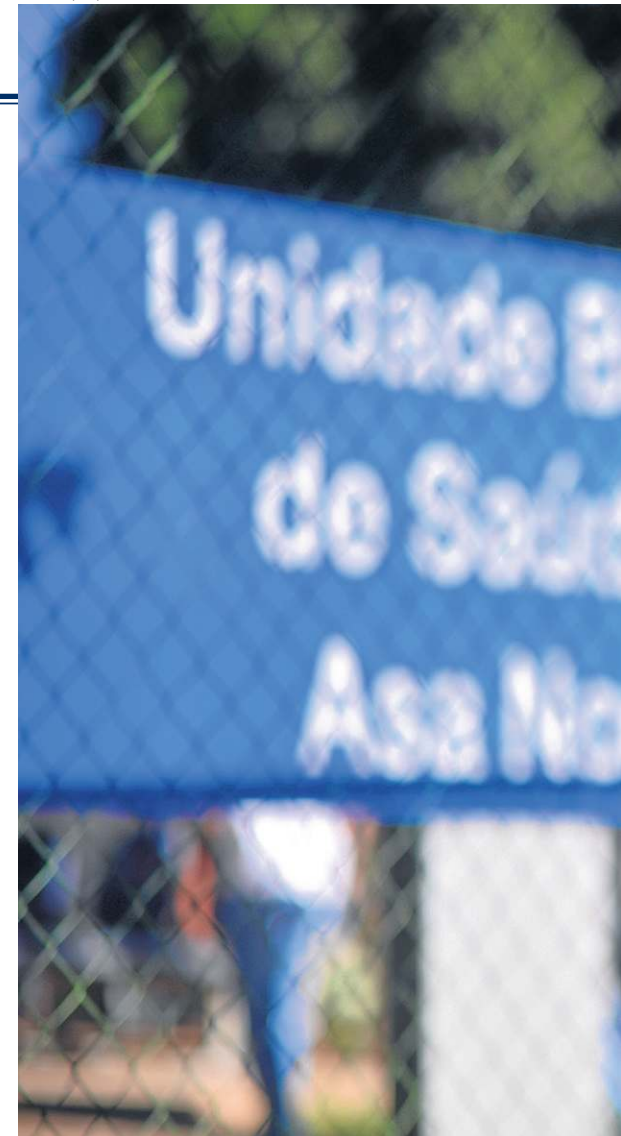
Também relata ter feito confusão com o calendário vacinal, já que a responsabilidade em levar a criança ao posto recai sempre sobre ela. O marido, por ser pedreiro, também tem horários inacessíveis, mas a preocupação maior é sempre dela.

Uma solução na educação

Para Renata Rabelo, enfermeira ponto focal da imunização, que trabalha na Coordenação de Atenção Primária à Saúde (Coaps), as escolas têm papel fundamental nessa história. Boa parte das crianças passa a maior parte do tempo nas unidades educacionais, lugares que permitem uma abordagem correta e acessível da vacina. “Essas ações têm caráter preventivo, ou seja, as vacinas são aplicadas antes de qualquer surto epidêmico, assim, quando ele acontecer, as crianças estarão protegidas”, detalha a enfermeira.

Outra estratégia inteligente é a parceria entre o Ministério da Educação e o Ministério da Saúde, com a verificação da caderneta de vacinas dos estudantes ao se matricular na escola. Além de ações educativas, que aproveitam para verificar a caderneta vacinal de professores e profissionais de saúde.

Em pesquisa do Instituto Locomotiva, das mulheres entrevistadas no âmbito nacional, 77% dizem que não atrasaria a vacina do filho, caso fosse uma responsabilidade escolar. Mas é importante reforçar que esse quadro também pode mudar, caso o apoio e o incentivo à vacinação seja feito da forma correta, sem colocar essa responsabilidade em apenas um lado da moeda.



Quando a covid-19 entrou em cena

Cada uma em uma frente, cinco irmãs, Fran, Francismara, Flávia, Fernanda e Bárbara Lima, lutaram pela vida do pai quando a vacina da covid-19 ainda não estava disponível no Brasil, mas já era aplicada ao redor do mundo. Enquanto algumas, que eram da área de direito, tentavam encontrar uma vaga na UTI por meios burocráticos, outras mobilizavam amigos e família para que Edmilson Gonçalves Lima, aposentado, pudesse obter o melhor tratamento possível.